



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Classes sociais, geração e Serviço Social
Sub-eixo: Infância

NA FRENTE DAS CÂMERAS, POR TRÁS DAS TELAS: a adultização da infância no *Instagram*

REBECA BRITO DE FREITAS ¹
GLÁUCIA HELENA ARAÚJO RUSSO ²
MILLENA SOARES BARBALHO ³
NATHALIE DA NÓBREGA MEDEIROS ³
NÁDJA GRAZIELLY BEZERRA DA SILVA ³

RESUMO: Este artigo objetiva analisar se as mensagens veiculadas pelas imagens e vídeos de crianças postados no *Instagram*, durante os anos de 2020-2021, colaboram para processos de adultização infantil. Por meio da pesquisa documental, observamos como o Instagram dissemina estímulos adultizados na vida das crianças, materializando-se não apenas pelo uso, mas pela forma como a infância é exposta na plataforma. Foi perceptível o quanto lhes são atribuídos papéis semelhantes ao dos adultos, com compromissos, padrões linguísticos, situações e ações que são alertas para o descarte e roubo da infância, por meio de sua adultização precoce.

Palavras-chave: Adultização. Infância. Mídias sociais.

ABSTRACT: This article aims to analyze the messages transmitted by the images and videos of children posted on Instagram, during the years 2020-2021, collaborating for child adultization processes. Through documentary research, we observe how Instagram disseminates adultized stimuli in the lives of children, materializing not just by its use, but in the way childhood is exposed on the

1 Estudante de Pós-Graduação. Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte

2 Professor com formação em Serviço Social. Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte

3 Profissional de Serviço Social. Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte

platform. It was perceptible how many parents were attributed to them roles similar to those of adults, with commitments, linguistic patterns, situations and actions that are warnings for the discarding and theft of childhood, by means of their early adultization.

Keywords: Adultization. Childhood. Social media.

1 INTRODUÇÃO

Os costumes, condições socioeconômicas, valores culturais e religiosos, inovações tecnológicas, dentre outros fatores, resultaram em mudanças na vida social das pessoas, na forma e no meio como se relacionam. Assim, ao longo de diferentes épocas, meninos e meninas foram passando de seres invisíveis a sujeitos de direito, de "miniadultos" a crianças e hoje parecem tomar um caminho oposto, a medida em que se adultizam e têm cada vez mais seus direitos questionados na sociedade onde vivemos.

Atualmente, com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) vivemos a chamada Era digital, isso trouxe mudanças nas relações sociais e incontáveis impactos na sociedade, particularmente em decorrência do surgimento da Internet e das mídias digitais.

Os novos meios de comunicação e interação social surgidos tornaram a maneira de se comunicar mais rápida e dinâmica, atingindo um número maior de pessoas em um pequeno espaço de tempo, conectando-as em tempo real, com chamadas telefônicas, publicação de fotos, vídeos, textos jornalísticos ou de opinião e publicidades. O mundo inteiro hoje está conectado. As mídias digitais possibilitaram também o surgimento das redes sociais, estas, por sua vez, vêm se tornando, de maneira cada vez mais crescente, parte do cotidiano de inúmeras pessoas ao redor do mundo.

Em nosso tempo, as redes sociais impactam na formação da identidade dos indivíduos, que se revezam no papel de consumidores e produtores dos conteúdos publicados. Tomando como referência o Instagram, essa rede social permite a exposição de idosos(as), adultos, jovens, adolescentes e crianças, algumas vezes

sem seu consentimento. Com a divulgação de imagens e vídeos por meio dos quais rotinas se tornam públicas, sentimentos são expostos, imagens são veiculadas, criam-se situações de vulnerabilidade e de tamanha complexidade que podem trazer consequências (positivas ou não) para as pessoas por traz dos perfis.

Particularmente quando nos referimos às crianças, os impactos podem ser ainda maiores, pois elas se veem enredadas em uma teia sob a qual não têm controle e, na maioria dos casos, não são sequer capazes de compreender as circunstâncias vivenciadas e suas consequências. Em algumas situações, os pais e/ou administradores(as) dos perfis infantis registram as páginas e publicam conteúdo antes mesmo do nascimento das crianças e isso perdura durante toda a sua infância, assim os(as) filhos(as) das mídias sociais crescem na frente das câmeras e por trás das telas, tendo sua infância e adolescência marcadas de forma cada vez mais crescente por essas ferramentas, em um mundo movido pela Internet.

As mídias e redes sociais digitais veem trazendo diversos desafios, por darem novas formas e roupagens a fenômenos sociais já existentes na sociedade, mas que em seu interior se tornam ainda mais multifacetados. Assim, nesses espaços, práticas relacionadas ao processo de adultização infantil continuam a ser naturalizadas e crescentemente ganham formas, ao mesmo tempo, sutis e manifestas, visíveis e invisíveis, mas todas elas muito complexas.

De acordo com Almeida Neto, “a visibilidade gera novos possíveis, pois é na disseminação de informações que se encontra também a possibilidade de identificação de determinadas demandas”. (2007, p. 47). Para o autor, na era digital, decorrente da terceira revolução industrial, é necessário o uso de novos “óculos” para identificação das mudanças advindas com os avanços tecnológicos.

Frente a esse cenário, o presente artigo justifica-se pela necessidade de investigar o processo de adultização infantil em curso no Instagram, e suas possíveis interferências na vivência da infância na atualidade. Diante disso, temos como objetivo analisar se as mensagens veiculadas pelas imagens, vídeos e stories⁴

4 De acordo com Neil Patel, “Traduzido como histórias, o Stories do Instagram é um recurso que tem como objetivo melhorar a interação entre os usuários. Consiste na possibilidade de publicar fotos ou vídeos que ficam acessíveis por até 24 horas. Disponível em:

do perfil de duas irmãs postados no Instagram, durante os anos de 2020-2021, fortalecem ou colaboram para processos de adultização em nossa sociedade.

Para tanto, realizamos uma pesquisa documental, nas redes sociais de irmãs, com idades de 6 e 5 anos, no ano de 2021, e que mantém um perfil público no Instagram, administrado pela mãe e/ou pela equipe de trabalho vinculada à empresa MESA42, agência responsável pela gestão de comunicação da página das meninas. (LIMA; FREITAS; COVALESKI, 2021). Atualmente, o perfil conta com cerca de 1,3 milhões de seguidores(as)⁵. Durante o processo da pesquisa, também realizamos uma revisão bibliográfica, no sentido de compreender os aspectos teóricos referentes a infância, adultização e a mídia, de maneira a lançar um olhar mais acurado e crítico para os dados empíricos produzidos.

A pesquisa buscou seguir todos os compromissos éticos da profissão de Serviço Social com a infância e a investigação científica. Nesse sentido, apesar de se tratar de um perfil público, como forma de proteger as crianças e sua família, retiramos do texto referências identitárias.

2 CONECTADAS: A RELAÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS COM A INFÂNCIA

De acordo com Ciribeli e Paiva (2011), a internet foi um mecanismo tecnológico criado a fim de propagar novas informações e facilitar a comunicação entre as pessoas dos mais diversos locais. Hodiernamente, as pessoas são cada vez mais incapazes de imaginar um mundo sem acesso à internet e as mídias sociais.

Já se tornou comum, nos mais diferentes espaços públicos ou privados, o registro de fotografias e vídeos para alimentar os stories e o feed⁶ do Instagram ou

<https://neilpatel.com/br/blog/instagram-stories-o-que-e/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

5 Número visível na página do Instagram, em agosto de 2022.

6 “Feed é uma palavra em inglês que, no contexto, quer dizer alimentação ou provisões — só que em vez de comida, estamos falando em posts. No conteúdo oficial do aplicativo, o significado de feed do Instagram tem mais a ver com compartilhamento e conexão entre as pessoas. [...]. Sua estética é capaz de influenciar opiniões antes que as pessoas vejam os posts em detalhe — e isso pode estimular mais interações como cliques, curtidas e comentários”. Disponível em:

Facebook; vídeos de danças para o TikTok; mensagens de áudio ou texto no WhatsApp; postagens de vídeos no Youtube, dentre outras possibilidades. Todas essas ferramentas, e a forma de com elas se relacionar, invadem os diversos recônditos da sociedade e, mais e mais, se tornam práticas obrigatórias para os(as) participantes das redes sociais digitais.

Na sociedade informacional, as mídias sociais constroem e destroem relações, lançam tendências, produtos, ideias e comportamentos. De acordo com Ciribeli e Paiva (2011), estas se caracterizam como sendo o “meio que determinada rede social utiliza para se comunicar”, (2011, p. 59), assim, tudo que é pulverizado nas redes sociais faz parte das mídias sociais.

De acordo com Silva *et al.* (2019), os meios de comunicação têm um impacto decisivo nessa sociabilidade, pois

[...] criam ideias de que suas opiniões controlam a informação. A opinião pública não é criada livremente, é construída após o julgamento dos meios de comunicação. Os grandes veículos de comunicação deixaram de informar para definir o que vai ser divulgado, se aproveitando para bombardear a mídia de espetáculos. (SILVA *et al.*, 2019, p. 03).

O espaço digital também é um ambiente de reprodução das relações sociais, podendo se constituir como cenário de proteção ou de violação dos direitos de crianças e adolescentes. Como afirma Almeida Neto (2007), “as tecnologias penetram em todas as camadas sociais modificando os papéis atribuídos à infância e ao adulto” (p. 85), assim, em muitas situações, acabam por contribuir para o processo de adultização da infância, seja por meio das imagens projetadas, ou por se configurar muitas vezes como um roubo do tempo de ser criança, cuja infância passa a ser vivida atrás ou na frente das telas.

Ao falarmos de adultização não estamos nos referindo ao miniadulto de quem Ariès (1981) trata ao falar da maneira como as crianças eram vistas até o século XVII. A percepção da criança como miniadulto está relacionada a uma visão social na qual a fase da infância não estava separada da adulta, portanto, não havia diferenças no tratamento ou uma compreensão específica sobre esses sujeitos. Como dito pelo autor, a medida em que saiam da idade da dependência, as crianças

https://www.canva.com/pt_br/aprenda/feed-instagram/. Acesso em: 17 ago. 2022.

eram naturalmente inseridas no mundo dos adultos, seus jogos, trabalhos e relações. (ARIÈS, 1981).

A adultização, por sua vez, se diferencia, porque há na sociedade o reconhecimento da infância como uma idade específica, no caso do Brasil ela é vista, a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como fase na qual esses sujeitos se encontram em peculiar desenvolvimento, devendo ser protegidos e ter seus direitos garantidos. (BRASIL, 1990). Não se trata, portanto, de não perceber as diferenças entre o mundo adulto e o da criança, mas de não as respeitar, de pular etapas e submeter crianças (e adolescentes) a um tratamento análogo àquele dado aos adultos em nossa sociedade. As crianças são adultizadas por meio da exploração de sua imagem, do seu corpo, do seu trabalho, elas são vestidas como adultos e espera-se delas comportamentos típicos dessa fase.

Ocorre, portanto, um processo de adultização por meio do qual exige-se que crianças e adolescentes tomem um lugar indevido na sociedade, a partir da conveniência e necessidade dos(as) adultos(as). Esse processo parece estar presente em diferentes classes sociais, gêneros, raças/etnias, embora assuma contornos diversificados que se relacionam a essas características. Também invade o mundo virtual e o real, ora se entrelaçando, ora se separando, mas em geral violando direitos ou tornando as crianças ainda mais vulneráveis a essas violações.

De acordo com Weber e Francisco-Maffezzolli (2016), o uso frequente das mídias sociais e/ou meios de comunicação pelas crianças, desenvolvem estímulos adultizados, gerando a apropriação de comportamentos, atividades, falas e gestos característicos do mundo adulto. Para os autores, “essa apropriação, fora de um contexto de brincadeira, caracteriza um processo de adultização. Adultizar é, portanto, incentivar a inserção extrema da criança em contextos não relacionados à infância”. (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016, p. 07).

A adultização ocorre não apenas pelo consumo tecnológico por parte da própria criança, mas pela apropriação e exposição da sua imagem nas mídias sociais. Tornou-se comum na Era digital o compartilhamento incessante da vida pessoal, cada vez mais as pessoas partilham com outras, muitas vezes desconhecidas, sua rotina por meio das telas, seja em fotografias, vídeos, textos

orais ou escritos, dentre outras possibilidades. A fronteira entre o público e o privado vai se tornando mais tênue e isso traz mudanças e consequências para a sociedade, que ainda não somos capazes de compreender completamente.

A quebra do abismo entre público e privado ocorreu em vários níveis, e possui uma relação estreita com o desenvolvimento e a ubiquidade das tecnologias de informação e comunicação, desde a Internet aos diversos dispositivos de comunicação móvel. Estas transformações, relativamente recentes, trouxeram consigo a necessidade de compreender, de um ponto de vista da sociologia dos media, o modo como as novas tecnologias da informação participam na redefinição das fronteiras entre público e privado, ao misturarem em permanência lugares e atividades públicas e privadas. O exemplo mais evidente desta realidade é a publicitação da intimidade nos media audiovisuais e na Internet, redefinindo fronteiras e confrontando-nos com o modo como olhamos para a exposição pública criada primeiro pelos meios de comunicação de massa, e, mais recentemente, renovada pelos media próprios da Internet. (FERREIRA, 2015, p. 27).

A publicitação da intimidade aparece em postagens nas quais as pessoas mostram suas casas, rotina, o conteúdo de suas refeições, suas dores, amores e relacionamentos. Nas redes sociais ninguém está só e ao mesmo tempo, ninguém está acompanhado. Domina nela a mesma solidão presente na multidão, a solidão da metrópole, a que Simmel (1990) se refere. Não por acaso, na contemporaneidade tudo se torna instagramável, até mesmo o desenvolvimento da criança, mediante o registro dos seus primeiros passos, falas e brincadeiras.

O que poderia ser apenas a lembrança amorosa do crescimento infantil, metamorfoseia-se em violação, a partir da exposição exagerada das crianças, dos comentários invasivos dos(as) internautas, da necessidade constante de realizar postagens que alimentem as redes sociais, da transformação, as vezes paulatina, as vezes brusca, da internet em um local de trabalho.

As crianças não se adultizam nas relações que estabelecem entre si. Há sempre, neste processo, um adulto como agente adultizador. A relação entre adultizador e adultizado é mediada por tecnologias, com isso o impacto das NTIC é um processo que se realiza por crianças e adultos. (ALMEIDA NETO, 2007, p. 87).

Nesse contexto, no Instagram, muitas crianças aparecem como mini

influenciadoras digitais ou blogueiros(as)⁷ mirins, reproduzindo tendências, a fim de adquirir engajamento com seguidores(as), curtidas e compartilhamentos, visibilidade e patrocínios que acabam por, em muitos casos, garantir a subsistência da família ou ao menos cobrir uma grande parcela de seus gastos e necessidades diárias. Nesse percurso, as crianças influenciadoras, em grande parte das vezes, não produzem conteúdo infantil, mas, por serem “consumidas” majoritariamente por adultos reproduzem temas de interesse desses sujeitos. Além disso, os assuntos são pensados e produzidos por pessoas adultas, corroborando o que Almeida Neto (2007) nos trouxe: a adultização é um processo no qual crianças e adolescentes têm pouco ou nenhum controle.

Trata-se, especialmente no caso da Internet, de um processo no qual esses sujeitos são adultizados pelo gesto, pelo olhar, pela ação do outro. Dessa maneira, tornam-se semelhantes aos adultos, no modo de vestir, agir, falar, conteúdos veiculados, relações nas quais se inserem, – agora mediadas pela tela –, e na responsabilidade de sustentar ou conseguir dinheiro para a família.

Tais situações vêm se tornando cada vez mais comuns, sendo vistas como naturais e até desejáveis, por significar o destaque na multidão, a diferenciação, por supostamente remeter a talentos e qualidades das crianças que, por existirem, devem ser admiradas por todos, em um processo de espetacularização da vida, como afirma Debord (1997).

Outra problemática identificada nas redes sociais, é a transformação de toda ação (pequena ou grande) de crianças em uma performance midiática, transformando-as em conteúdo para as plataformas digitais. Este fato retira a intimidade das crianças e invade sua privacidade. Várias dessas situações puderam ser vistas no perfil pesquisado por nós, mas uma em particular chama a atenção,

7 De acordo com o *Site Guia das Carreiras*: “Até poucos anos atrás, o blogueiro ou a blogueira só era aquela pessoa que escrevia em seu blog (site) sobre os mais diversos assuntos, como moda, beleza, maquiagem, viagens, jogos, entre outros. Hoje, com a popularização das redes sociais, a função de blogueira ganhou novos significados. Agora, a blogueira não é só a pessoa que escreve em um blog, mas também quem faz produção de conteúdos para suas próprias redes sociais, principalmente no Instagram e Youtube – onde também são chamados de digital influencers (influenciadores digitais). [...]. Antes, escrever em blogs era mais um hobby do que profissão, pois, em geral, não havia muito retorno financeiro. Mas hoje, milhares de pessoas vivem de sua atuação como blogueiras, realizando parcerias com marcas e recebendo patrocínios”. Disponível em: [https://www.guiadacarreira.com.br/guia-das-profissoes/blogueira/#:~:text=Agora%2C%20a%20blogueira%20n%C3%A3o%20%C3%A9,digital%20influencers%20\(influenciadores%20digitais\)](https://www.guiadacarreira.com.br/guia-das-profissoes/blogueira/#:~:text=Agora%2C%20a%20blogueira%20n%C3%A3o%20%C3%A9,digital%20influencers%20(influenciadores%20digitais)). Acesso em: 18 ago. 2022.

tendo em vista se tratar de uma situação de foro íntimo da criança:

Descrição do vídeo: Vídeo intitulado - Sabiam ou não sabiam que é a [nome da criança]. Enquanto uma das meninas está fazendo cocô no banheiro, a mãe inicia uma filmagem dentro do quarto, aguardando a hora que a filha irá terminar e chamá-la para a higienização. O ângulo está mostrando a porta do banheiro quando ouvimos a menina gritar: "Mãe, acabei!" Rindo baixinho, a mãe não responde e finge não estar ouvindo, enquanto a menina continua a gritar: "Amada? Amada?"

Essa constante exposição, que acaba por mostrar momentos muito íntimos da criança na rede, retira-lhe a capacidade de escolha, de participar ou não, de ter ou não tais momentos publicizados, em muitas situações trazendo-lhe constrangimentos e irritabilidade que aparecem em diversas postagens.

Os perfis de crianças além de propagar estímulos adultizados, também contribuem para a sexualização dos corpos infantis, naturalização do trabalho precoce, objetificação da criança e negação da infância como fase essencial no desenvolvimento pessoal. Tais situações aparecem constantemente nas postagens do perfil pesquisado por nós e tendo em vista o escopo desse artigo, gostaríamos de chamar a atenção de maneira mais específica para a sexualização dos corpos infantis em postagens que sensualizam as meninas:

Situação: Uma das meninas encena uma música do cantor Jonas Esticado chamada "investe em mim", com um apelo romântico.

Descrição do vídeo: Música ao fundo, a menina aparece sentada, olhando para o nada com as mãos cruzadas. Em seguida, chora em cima da cama, ao som do trecho da música que diz: "Seu coração tá machucado demais, não acredita no amor". Na sequência, a menina recebe flores com um bilhete no qual está escrito: "Investe em mim", no mesmo momento em que a música traz essa frase. A menina rasga o bilhete e coloca as flores no lixo, outros presentes são arremessados ao chão: primeiro uma caixa de sapatos, depois um colar de pérolas e, por último um anel, que inicialmente a encanta, mas depois também é atirado no chão. A menina volta a chorar na cama e quando a música traz a frase: "Dê uma chance pra mim", ela aparece com o celular na mão, como se estivesse ligando para o namorado. Durante a ligação ela sorri e parece feliz. Ao desligar pega os presentes jogados no chão, põe o colar de pérolas, o perfume e o anel, em seguida veste um colete por cima da roupa e sai como se fosse encontrar o namorado.

Como é possível perceber, trata-se de conteúdo adulto, com uma trilha sonora e um enredo inadequados para a infância, no sentido de não fazer parte das

necessidades, desejos e situações vivenciadas por crianças. Além disso, ocorre uma caricaturização dos relacionamentos e da imagem feminina, por meio da qual, a mulher é veiculada como alguém cuja felicidade está relacionada ao outro e as meninas aparecem maquiadas, com cabelos escovados e vestindo roupas que, de certa forma, imitam o universo adulto.

[...] ao performar e proferir mensagens voltadas ao mundo adulto, as influenciadoras mirins aparentam constituir um ser híbrido: criança-adulta. Este hibridismo acena à forma como as crianças eram tratadas na Idade Média, quando compartilhavam um mesmo estilo de vida com adultos, sem distinções entre vestuário, lazer e atividade laboral. (LIMA; FREITAS; COVALESKI, 2021, s/p).

Em geral, crianças expostas ao fenômeno de adultização não possuem capacidade para autorizar ou definir limites para o uso de sua imagem. Não têm autonomia (ou pelo menos esta não é considerada) para impedir a exposição de sua intimidade ou ainda não têm condições de compreender totalmente as situações vivenciadas e o significado delas para sua infância. Dito de outra forma: uma criança adultizada não se percebe como tal, ela assume o lugar e a performance que os adultos em quem confia esperam dela. Assim, elas não conseguem impedir, mesmo em situações de choro e abalo emocional, a publicação dos vídeos, que nesses casos, representam violações de seu direito à infância.

Para além disso, na sociabilidade capitalista as crianças são transformadas em potenciais consumidoras, assim, de maneira quase ininterrupta lhes são ofertados produtos a serem consumidos, como a alimentação, moda, entretenimento, focalizando o interesse das crianças no ter e as distanciando da sua maior necessidade que é brincar. O consumo se torna ainda mais forte para as influenciadoras mirins, pois elas estão totalmente imersas em um mundo imagético, onde o conceito de si mesmas vai sendo construída a partir dos produtos que utilizam e oferecem aos seus seguidores(as).

De acordo com as autoras Weber e Francisco-Maffezzolli (2016), juntamente com as mídias sociais, o consumo é um dos fatores decisivos no processo de adultização infantil. Por sua condição de sujeitos em desenvolvimento, as crianças são mais suscetíveis aos encantos do marketing – seja pelas propagandas,

anúncios ou canais de televisão – sendo influenciadas não apenas a adquirir produtos, mas pelo desejo incessante de pertencer a um grupo de consumidores(as) que os detém. A supervalorização pode afetar diretamente o desenvolvimento infantil, pois leva a constante necessidade da posse de determinados objetos, estimula comportamentos adultizados e, assim, pode interferir na sua saúde mental, rendimento escolar, e até mesmo na erotização precoce. Para as autoras,

[...] as atuais práticas de consumo infantil, guiadas por questões sociais – expressas na mídia - que atribuem a criança um papel cada vez mais parecido com o dos adultos, refletem esta nova tipificação da criança: mais adulta, cheia de compromissos, responsabilidades, com acesso ilimitado a conteúdos e informações e muitas vezes erotizada. (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016, p. 12).

Aqui vale lembrar a condição de sujeitos de direitos das crianças e a necessidade de serem respeitadas como tal. Atualmente, não há como obliterar as mídias sociais da infância, posto estarem emaranhadas em todos os processos da vida contemporânea, todavia, é direito de toda criança crescer em um espaço sem violências de qualquer natureza, sem exploração do seu trabalho e imagem.

3 AS “MINI MUSAS” DO INSTAGRAM

As primeiras postagens no feed do perfil estudado por nós são de 2015 quando ainda era a página pessoal da mãe das meninas, a época grávida da primeira filha. Foi possível notar na pesquisa, que a partir de 2019, quando a segunda filha completa 1 ano, o perfil deixa de receber publicações dos pais com as meninas ou fotos pessoais da mãe, como era de costume nas primeiras interações na plataforma.

No mesmo ano da mudança do perfil, a mãe criou um canal no Youtube. No primeiro vídeo, as meninas aparecem dando as boas-vindas e informando que semanalmente o canal recebe vídeos novos com jogos, dicas e muito mais. Apesar de contar com mais de 10 mil visualizações, até o momento atual o canal só recebeu mais 7 vídeos. Enquanto as coisas não pareciam fluir na plataforma de vídeos, a

popularidade das meninas no Instagram, crescia junto ao número de seguidores e likes, o crescimento gradativo do perfil já alcança a marca dos 4 anos.

Em março de 2019, uma foto das duas irmãs vestidas com roupas de academia e com a legenda “as Barbies fitness!” ultrapassou o número de 3 mil curtidas e mais de 100 comentários, dentre esses os(as) seguidores(as) escreveram frases como: “as mini musas do mundo”.



Figura 1 – Fotografia postada no Instagram em 26 de janeiro de 2021: Barbie

Fonte: Instagram 2021

Apesar da Barbie ser um brinquedo infantil, suas características são adultas, e ela remete a um modelo de beleza que, embora inalcançável, povoa o imaginário da sociedade. Tal fato demonstra que a beleza é uma construção cultural, e entrelaça o corpo a hierarquias pautadas na forma como os gêneros, as “raças”/etnias e mesmo as gerações são pensadas em nosso tempo/espço. De acordo com Araujo Junior (2021, p. 13): “[...] a beleza corporal é um valor cultural

que, cada vez mais, deixa de depender de aspectos naturais para ser construída por artifícios desenvolvidos pela ciência, disseminados pelos meios de comunicação de massa e disponibilizados pelo mercado”.

Nesse sentido, tanto a página do Instagram quanto os seguidores das meninas consomem e veiculam um modelo de beleza, mas também um modelo de infância: branca, de olhos claros, cabelos claros e lisos, corpos magros, com uma boa condição socioeconômica, acesso a roupas, brinquedos, alimentação, moradia, cujas principais preocupações se relacionam a beleza e aos relacionamentos. Uma infância estereotipada, adultizada, em que um modelo de beleza, assim como do tipo de mulheres adultas desejáveis, começa a ser delineados.

Os conteúdos adultos assim como a própria imagem das meninas se repetem quase o tempo todo nas postagens, são raras fotografias ou situações mais voltadas para a infância e mesmo quando isso ocorre, as meninas têm sua imagem e fotos produzidas.

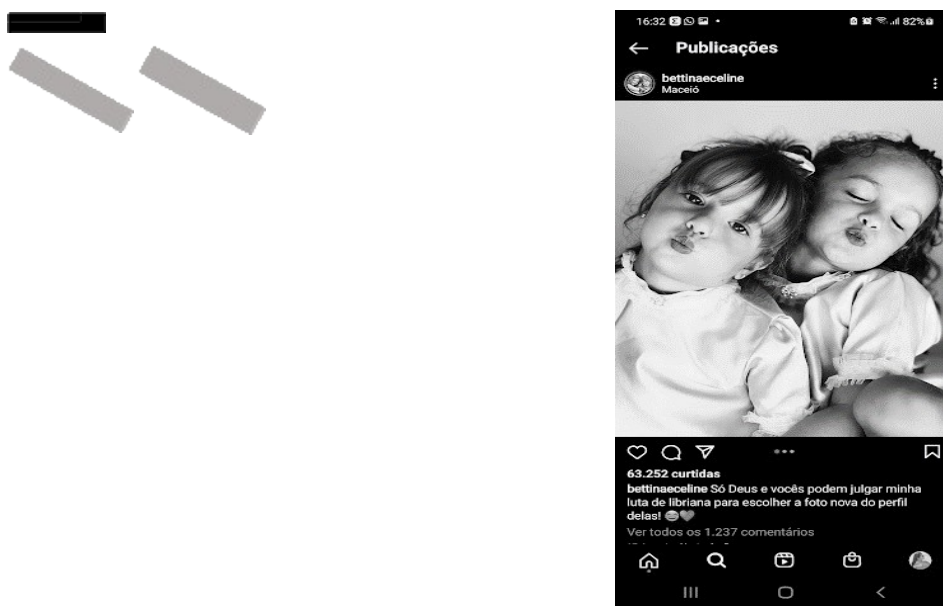


Figura 2: Fotografia postada no Instagram em 17 de maio de 2021: Nova foto do perfil - Fonte: Instagram, 2021

Embora à primeira vista a foto traga diversos elementos da infância, como é o caso das roupas e dos rabos de cavalo, têm, ao mesmo tempo, um apelo muito adultizado, pois as meninas estão maquiadas, os cabelos foram visivelmente produzidos de maneira profissional e a pose feita parece ter sido dirigida, além de ter certas características adultas, retirando-lhes a naturalidade comum às crianças. Contudo, não são apenas as narrativas construídas e presentes nos vídeos e fotos, que impressionam pelos traços adultizados, também nas legendas das publicações, a mãe frequentemente reforça a beleza das filhas, como podemos observar nas figuras 1 e 2, assim como os(as) seguidores(as) também o fazem, ressaltando a perfeição e a beleza das meninas, com comentários do tipo: “o sonho de qualquer mãe”, “gente, mas essa vai ser destruidora de corações”. Por outro lado, nas postagens também é possível observar comentários negativos, em especial trazendo a falta de naturalidade e fingimento das crianças.

Dentre as muitas postagens adultizadas do perfil, nos chamou a atenção um storie de janeiro de 2020, no qual as meninas aparecem em um vídeo dançando como se estivessem despreocupadas em relação a problemas da vida adulta, conforme podemos observar na Figura 3:

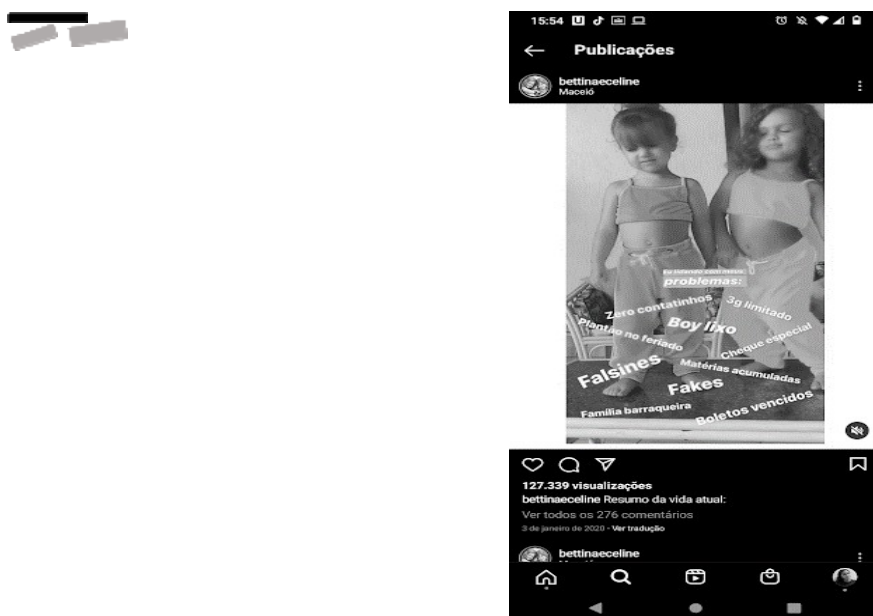


Figura 3: Print de vídeo postado no Instagram, no dia 03 de janeiro de 2020 –

Resumo da vida atual - Fonte: Instagram

Conforme podemos observar, não se trata apenas de um processo de adultização, mas de uma estereoripização do ser adulto e, diferentemente, também da infância, representada como algo a parte, fato muito corriqueiro no senso comum, em que muitas vezes, fazendo referência às crianças, se repete o jargão: “Está muito preocupada com as contas para pagar no fim do mês”. Embora relacionamentos, faturas atrasadas, trabalho e os demais elementos presentes na figura 3 não devessem fazer parte do mundo das crianças, não podemos esquecer que tais problemas influenciam a vivência da infância, que acaba por ser, direta ou indiretamente, afligida por estes, a medida em que sua família, seus pais e/ou cuidadores o são. Além disso, como as meninas aparecem com uma imagem adultizada e expressões irônicas durante o vídeo, facilmente somos levados(as) a pensá-las como pessoas adultas ironizando sua situação.

Outro ponto importante a destacar, é a sexualização da imagem das crianças, possível consequência da hiperexposição. De acordo com Lima Filho e Marcelino (2020), mesmo que pais e responsáveis não tenham a intenção de expor a criança a uma situação que envolva pedofilia, diversas vezes as imagens dos(as) pequenos(as) são tiradas de contexto e acabam em páginas e vídeos divulgados no lado obscuro da Internet.

Para Postman (2012), a erotização precoce de crianças é um dos fatores preocupantes, pois se relaciona diretamente com a perda da infância. Na grande maioria das postagens do perfil analisado, observamos que os traços infantis são substituídos por uma performance adulta, isso é perceptível nas roupas, no comportamento, na linguagem utilizada, na “sensualidade” presente em alguns vídeos e fotos e na fisionomia das crianças, que cada dia mais nessas postagens se parecem menos com meninas e mais com mulheres.

Nessa linha, em março de 2020, uma das meninas apresenta em vídeo, um tutorial de maquiagem básica, para usar no dia a dia. Ela olha diretamente para a câmera, como se estivesse conversando com os(as) seguidores(as) e os(as) chamando de “bonecas”. A menina usa produtos reais e se pinta sozinha, ensinando

o passo a passo completo. Coloca base, pinta os olhos com uma sombra azul e um batom vinho, a maquiagem fica borrada tendo em vista ela ainda não ter coordenação motora suficiente para utilizá-los corretamente.



Figura 4: Print de vídeo postado no dia 31 de março de 2020: Tutorial *Make* BÁSICA da [...] - Fonte: Instagram

Descrição do vídeo - Menina fala enquanto se maquia: Oi bonecas, eu vou começar minha make básica. Olha quantas coisas, e eu, a minha make do dia a dia, então vamos lá, vamos começar pela pele, esse aqui é o produtinho que eu uso. (Pega um pincel de maquiagem para passar no rosto). Agora é hora de corretivo. Amores, agora é só dar batidinhas (para isso faz uso de uma esponja no formato de coxinha) para secar a pele. Bonecas, agora é hora que eu mais gosto, aaah, sombraaa (pega o pincel para sombras, a paleta está na mesa de maquiagem), agora vou escolher azul beem frozen, tá bonecas? Tá ficando linda, pra ficar mais brilhante, e a frozen também tem brilho aqui, mas aqui não tem, tem que pegar o branco, mas tá bom, opa (borra a maquiagem do olho), agora no outro olho, tá bonecas? Ixee. Eu também uso esse (passa blush) para ficar bem vibe, e para finalizar um batonzinho, eu amo essa cor, agora vou passar (borra o batom nos dentes). Pronto, gostaram? Deixa seu like e se inscrevam, até a próxima. (Relato retirado do Instagram, 2020)

Tomando a foto e a descrição do vídeo, assim como outras postagens presentes no perfil, podemos observar que no contexto do Instagram, as meninas apresentam interesses, comportamentos e hábitos da vida adulta, distanciando-se das meninas de sua faixa etária ou, pode-se inferir também, influenciando-as a agir de maneira adulta. Até mesmo a diversão, como pode ser a maquiagem para uma criança, é mostrada de maneira caricaturizada, pois o que poderia ser tomado por

brincadeira, vem acompanhado de falas que misturam o universo adulto com o infantil.

Na frente das câmeras, as meninas raramente aparecem sem maquiagem, até mesmo nos primeiros registros do dia, elas já estão arrumadas para a escola, com penteados nos cabelos e uniformes impecáveis. Enquanto experienciam processos de adultização precoce de suas aparências e mentalidades a espontaneidade comum às crianças pouco a pouco se anula e a infância vai sendo substituída por uma caricatura do mundo adulto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de estímulos adultizados constantes e o fácil acesso à informação, as crianças retratam maior proximidade com questões que se relacionam à vida adulta, se apropriando, por meio de roteiros elaborados para elas, de comportamentos, hábitos, ações e responsabilidades que não deveriam coincidir com o processo da infância. Ao invés de atividades recreativas, de brincar e viver plenamente esse momento, lhes são impostas atuações, formas de se comportar, rotinas de beleza de adultos, ensaios, roteiros e gravações cotidianas.

Os comportamentos do mundo adulto são perceptíveis com o excesso de atividades, o estresse, a hipervalorização da aparência, do consumismo, e a erotização. A imagem das crianças é comercializada como uma ponte mediadora de comunicação entre o produto e o consumidor, e a família que deveria ser a principal instituição social para a formação de uma criança, colabora para tais processos, as apresentando para uma sociedade que quer consumi-las.

O direito de ser criança é paulatinamente obliterado, suas infâncias vão sendo diluídas em um mar de responsabilidades, a elas parece estar sendo negado o direito de brincar livremente, pois quase tudo em suas vidas parece ocorrer por trás e na frente das telas. A análise do Instagram nos fez observar o quanto lhes são atribuídos papéis semelhantes ao dos adultos, com compromissos, padrões linguísticos, situações e ações que são alertas para o descarte e roubo da infância,

por meio de sua adultização precoce.

5 REFERÊNCIAS

ARAUJO JUNIOR, Natanael Pereira de. **Um estudo da beleza corporal a partir do imaginário midiático: Barbie e a construção de um estilo de vida**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp). Instituto de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio Claro, 2021.

ALMEIDA NETO, Honor de. **Trabalho infantil na Terceira Revolução Industrial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. (on-line).

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flanksman, 2. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

BRASIL. **Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Brasília, 1990.

CIRIBELI, João Paulo; PAIVA, Victor Hugo Pereira. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 12, jan./jun. de 2011.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Gil Baptista. **Reconceptualizar público e privado – sociabilidade e vida cívica na era da internet**. Coimbra: Editora Minerva, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283346552_RE-CONCEPTUALIZAR_PUBLICO_E_PRIVADO__SOCIABILIDADE_E_VIDA_CIVICA_NA_ERA_DA_INTERNET2015. Acesso em: 17 ago. 2022.

LIMA FILHO, Francisco de Assis Oliveira; MARCELINO, Cecília Paranhos Santos. Trabalho infantil cibernético: riscos e consequências da fama na internet. **Revista Brasileira de Direito e Gestão Pública**. v. 8, n. 3, p. 875-888, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RDGP/article/view/8212>. Acesso em: 5 ago. 2022.

GOULART, Josette. TikTok, o fenômeno do aplicativo em um 2020 de tantos cliques. **Revista Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/tiktok-o-fenomeno-do-aplicativo-em-um-2020-de-tantos-cliques/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Trad. Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2012.

SILVA, Alana Vieira da; PINTO, Fernanda Sales; SILVA, Marta Lorena Bezerra da; TEIXEIRA, Juliana Fernandes. **A Influência do Instagram no cotidiano: Possíveis Impactos do Aplicativo em seus usuários**. IJ 5 – Comunicação Multimídia – do XXI Congresso de Ciências Sociais da Comunicação na Região Nordeste - São Luís –

MA. (Anais). São Luís, 2019.

SIMMEL, Georg. **Philosophy of money**. Translate David Frisby and Tom Bottomore. New York: Routledge, 1990.

WEBER, Tiziana Brenner; Eliane Cristine FRANCISCO-MAFFEZZOLLI. **Mídia, Consumo e a Adultização de Crianças: uma Reflexão Macrossocial**. Curitiba, 2016.

,

,